

O engenhoso fidalgo
dom Quixote
de la Mancha

primeira parte

Prólogo

Desocupado leitor: podes crer, sem juramento, que eu gostaria que este livro, como filho da inteligência, fosse o mais formoso, o mais galhardo e o mais arguto que se pudesse imaginar. Mas não consegui contrariar a ordem da natureza, em que cada coisa gera seu semelhante. Então o que poderia criar meu árido e mal cultivado engenho a não ser a história de um filho seco, murcho, caprichoso e cheio de pensamentos desencontrados que não passaram pela imaginação de nenhum outro, exatamente como alguém que foi concebido num cárcere, onde todo incômodo tem seu assento e onde toda triste discórdia faz sua moradia?¹ O sossego, o lugar agradável, a amenidade dos campos, a placidez dos céus, o murmúrio das fontes e a tranquilidade do espírito são de grande ajuda para que as musas mais estéreis se mostrem fecundas e ofereçam ao mundo partos que o encham de maravilha e alegria.

Acontece de um pai ter um filho feio e sem graça alguma, e o amor que tem por ele venda-lhe os olhos para que não veja seus defeitos, tomando-os antes por sagacidades e belezas, e fala deles aos amigos como de exemplos de espírito e elegância. Mas eu — que, embora pareça pai, sou padraсто de dom Quixote — não quero seguir a corrente costumeira, nem te suplicar quase em lágrimas, como outros fazem, caríssimo leitor, que me perdoes ou toleres os defeitos que vires neste meu filho, pois não és parente nem amigo dele, tens tua alma em teu corpo e teu livre-arbítrio como o melhor entre os melhores, e estás em tua casa, onde és senhor, como o rei de seus tributos, e sabes que cada um pensa o que bem quer, ou não se costuma dizer que “embaixo de meu manto, ao rei mato”? Tudo isso te isenta e te deixa livre de todo respeito e obrigação, de modo que podes dizer tudo aquilo que pensares da história, sem medo de que te caluniem pelo mal ou te premiem pelo bem que disseres dela.

Gostaria somente de te dar esta história nua e crua, sem o ornamento de um prólogo nem do inumerável catálogo dos habituais sonetos, epigramas e elogios que se costuma pôr no começo dos livros. Porque posso te garantir que, embora tenha me custado algum trabalho escrevê-la, nenhum foi maior do que fazer esta introdução que vais lendo. Muitas vezes peguei a pena para escrevê-la e muitas a deixei, por não saber o que escreveria; e estando numa delas empacado, com o papel na frente, a pena atrás da orelha, o cotovelo na mesa e a mão no queixo, pensando no que diria, lá pelas tantas entrou um amigo meu, espirituoso e inteligente, que, vendo-me tão meditativo, me perguntou a causa. Não a ocultando, eu disse que pensava no prólogo que tinha de fazer para a história de dom Quixote e me achava num estado em que nem queria fazê-lo, nem muito menos publicar as façanhas de tão nobre cavaleiro sem ele.

— Pois como quereis vós que não me deixe confuso o que dirá o antigo legislador que chamam povo quando vir que, ao cabo de tantos anos como estes em que durmo no silêncio do esquecimento, saio agora, com o peso da idade nas costas,² com um livro seco como palha, longe da invenção, franzino de estilo, pobre de conceitos e carente de toda erudição e doutrina, sem notas nas margens e sem comentários no

fim, como vejo em outros livros, ainda que sejam de ficção e profanos, tão cheios de frases de Aristóteles, de Platão e de um bando todo de filósofos, que deixam os leitores admirados e os levam a pensar que os autores são homens lidos, eruditos e eloquentes? E quando citam a Sagrada Escritura, meu caro? Dizem no mínimo que são uns Santos Tomases e outros tantos doutores da Igreja, adequando o estilo de modo tão engenhoso que numa linha pintam um amante devasso e em outra fazem um sermãozinho cristão, que é uma alegria e uma dádiva ouvi-lo ou lê-lo. Disso tudo há de carecer meu livro, porque não tenho o que anotar nas margens nem comentar no fim, muito menos sei que autores sigo nele para nomeá-los no começo, como fazem todos, na ordem do abc, começando em Aristóteles e acabando em Xenofonte e Zoilo ou Zêuxis, mesmo que um fosse maledicente e o outro, pintor. Meu livro também há de carecer de sonetos no princípio, pelo menos de sonetos cujos autores sejam duques, marqueses, condes, bispos, damas ou poetas célebres, embora, se eu os pedisse a dois ou três amigos do ofício, sei que seria atendido, e os fariam sem que os igualassem os versos daqueles que têm mais nome em nossa Espanha. Enfim, meu senhor e amigo — continuei —, resolvi que o senhor dom Quixote fique sepultado em seus arquivos na Mancha até que o céu apresente quem o adorne com todas essas coisas que lhe faltam, porque eu me acho incapaz de supri-las devido a minha insuficiência e poucas letras, e também porque sou acomodado e preguiçoso por natureza para andar procurando autores que digam o que eu sei dizer sem eles. Daí nasce o embaraço e a indecisão em que me achastes: causa suficiente para me pôr assim como vos falei.

Ao ouvir isso, meu amigo me disse, dando uma palmada na testa e disparando uma salva de risos:

— Por Deus, meu irmão, acabo de perceber um engano em que acreditei há muito tempo, desde que vos conheço: sempre vos julguei inteligente e sensato em todas as ações. Mas agora vejo que estais tão longe disso como o céu da terra. Como é possível que coisas de tão pouca monta e tão fáceis de remediar possam ter forças para meter nesse embaraço e alheamento um engenho tão maduro como o vosso, sempre pronto a atropelar e demolir outras dificuldades maiores? Com certeza, isso não nasce por falta de habilidade, mas por excesso de preguiça e penúria mental. Quereis ver se é verdade o que digo? Prestai-me atenção e vereis como, num piscar de olhos, abato todas as vossas dificuldades e corrijo todas as deficiências que dizeis que vos embaraçam e acovardam, impedindo-vos de apresentar ao mundo a história do famoso dom Quixote, luz e espelho de toda a cavalaria andante.

— Dizei: de que modo pensais preencher o vazio de meu temor e levar a claridade ao caos de minha confusão? — repliquei, ouvindo o que me dizia.

A isso, ele me disse:

— O reparo que fazeis sobre os sonetos, epigramas ou elogios que vos faltam para o princípio, que devem ser de personagens sérios detentores de títulos, pode se remediar desde que vós mesmo queirais ter o trabalho de fazê-los e depois batizá-los, pondo-lhes o nome que quiserdes, atribuindo-os até ao Preste João das Índias ou ao

imperador da Trebizonda, que foram poetas dignos de fama, pelo que se diz. Mas, se por acaso não o tenham sido e houver alguns pedantes e tagarelas que pelas costas vos detratem e cochichem sobre essa verdade, não vos deis por achado, porque, ainda que investiguem a mentira, não vos cortarão a mão com que a escrevestes.

“Quanto a citar nas margens os livros e autores de onde tirastes as frases e ditos que inseristes em vossa história, não tendes mais a fazer que encaixar algumas sentenças ou latins que saibais de memória, ou pelo menos que vos deem pouco trabalho achar, como será dizer, tratando-se de liberdade e escravidão:

*Non bene pro toto libertas venditur auro.*³

“E depois, na margem, citar Horácio, ou quem a disse. Se tratardes do poder da morte, atacai logo com

*Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, regumque turres.*⁴

“Se for da amizade e amor que Deus manda que se tenha pelo inimigo, entrai logo no assunto pela Sagrada Escritura, o que podeis fazer com um tiquinho de cuidado, dizendo no mínimo as palavras do próprio Deus: *Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros.*⁵

“Se tratardes de maus pensamentos, vinde com o Evangelho: *De corde exeunt cogitationes malæ.*⁶ Se for da inconstância dos amigos, aí está Catão, que vos dará seu dístico:

Donec eris felix, multos numerabis amicos.

*Tempora si fuerint nubila, solus eris.*⁷

“E com esses e outros latinzinhos vos terão até por gramático, o que não é de pouca honra e proveito nos dias de hoje.

“No que toca a anotações no final do livro, sem temor podeis fazer desta maneira: se mencionardes algum gigante em vosso livro, fazei com que seja o gigante Golias. Apenas com isso, que vos custará quase nada, tereis um bom comentário, pois podeis dizer: ‘O gigante Golias ou Goliath foi o filisteu a quem o pastor Davi matou com uma boa pedrada, no vale do Terebinto, conforme se conta no Livro dos Reis’, no capítulo que vós achardes que está escrito.

“Em seguida, para vos mostrardes cosmógrafo e erudito em humanidades, fazei com que em vossa história se mencione o rio Tejo e tereis logo outra famosa anotação, escrevendo: ‘O rio Tejo foi assim chamado por causa de um rei das Espanhas; nasce em tal lugar e morre no mar Oceano, beijando os muros da famosa cidade de Lisboa, e se diz que tem as areias de ouro’ etc. Se tratardes de ladrões, eu vos darei a história de Caco, que sei de cor; se de mulheres lascivas, aí está o bispo de Mondoñedo, que vos emprestará Lâmia, Laida e Flora, cuja anotação vos dará grande reputação; se de mulheres cruéis, Ovídio vos entregará Medeia; se de magas e feiticeiras, Homero tem Calipso e Virgílio, Circe; se de capitães valentes, o próprio Júlio César vos emprestará a si mesmo em seus *Comentários*, e Plutarco vos dará mil Alexandres. Se tratardes de amores, com duas pitadas que saibais da língua toscana topareis com Leão Hebreu, que vos encherá as medidas. E, se não quereis andar por terras estranhas, em casa tendes Fonseca, *Del amor de Dios*, onde se anota tudo o

que vós e o mais engenhoso escritor poderiam desejar em tal matéria. Enfim, nada mais tendes a fazer que procurar dizer esses nomes, ou aludir na vossa essas histórias de que falei, deixando a meu cargo escrever as anotações e os comentários, que vos juro encher as margens e gastar uma resma de papel no fim do livro.

“Vamos agora à citação dos autores que os outros livros têm, mas que falta ao vosso. O remédio para isso é muito fácil, porque não haveis de fazer outra coisa que achar um livro que os aponte todos, desde o A até o Z, como dissestes. Poreis então esse mesmo abecedário em vosso livro; e, ainda que se veja claramente a mentira, pela falta de necessidade que tínheis de vos servir de tantos autores, pouco importa, sem falar que talvez haja alguém tão simplório que acredite que todos eles tenham sido utilizados em vossa simples e singela história; e, se o longo catálogo não servir para nada, servirá pelo menos para dar um imprevisto ar de autoridade ao livro. Além do mais, não haverá quem se dê ao trabalho de averiguar se os seguistes ou não, não lucrando nada com isso. Depois, se entendi direito, vosso livro não tem necessidade de nenhuma daquelas coisas que dizeis que lhe faltam, porque todo ele é uma invectiva contra os livros de cavalaria, de que nunca se lembrou Aristóteles, nem disse nada São Basílio, nem pensou Cícero; também não entram na conta de seus disparates fantasiosos as minúcias da verdade, nem as observações da astrologia; nem lhe importam as medidas geométricas, nem a refutação dos argumentos de quem se serve da retórica, nem tem motivo para fazer sermão a ninguém, misturando o humano com o divino, combinação de água e óleo que nenhum espírito cristão deve experimentar.

“Tendes de vos aproveitar da imitação apenas no que fordes escrevendo, pois, quanto mais perfeita ela for, tanto melhor será vosso livro. E, como essa vossa escrita não deseja mais que desbancar a autoridade e a aceitação que os livros de cavalaria têm no mundo e no gosto do povo, não careceis de andar mendigando frases de filósofos, conselhos da Sagrada Escritura, fábulas de poetas, orações de retóricos, milagres de santos, mas sim procurar que, sem pompa, com palavras expressivas, honestas e bem colocadas, vossas sentenças e proposições saiam sonoras e festivas, pintando vossa intenção em tudo que alcançardes e for possível, dando a entender vossos conceitos sem emaranhá-los e obscurecê-los. Procurai também que, lendo vossa história, o melancólico se ria, o risonho gargalhe, o tolo não se aborreça, o inteligente se admire da invenção, o circunspecto não a despreze nem o ponderado deixe de louvá-la. Enfim, levai a mira posta na destruição dos descosidos enredos desses livros de cavalaria, desdenhados por tantos e enaltecidos por muitos mais. Se alcançardes isso, não tereis alcançado pouco.”

Em total silêncio escutei o que meu amigo dizia, e de tal maneira me impressionaram as palavras dele que sem discussão as aceitei por boas e delas mesmas quis fazer este prólogo, onde verás, caro leitor, o tino de meu amigo, minha boa sorte em achar em tempo conselheiro de que eu necessitava tanto, e o alívio que sentirás ao encontrar a história tão sincera e sem rodeios do famoso dom Quixote de la Mancha, de quem todos os habitantes do campo de Montiel dizem ter sido o mais

casto apaixonado e o mais valente cavaleiro que desde muitos anos até hoje se viu naquelas paragens. E não quero encarecer o serviço que te presto ao te apresentar tão nobre e honrado cavaleiro, mas quero que me agradeças o conhecimento que terás do famoso Sancho Pança, seu escudeiro, em quem, me parece, te dou a síntese de todas as graças escudeiris que se encontram espalhadas na enxurrada dos inúteis livros de cavalaria. E, com isto, Deus te dê saúde e não se esqueça de mim. *Vale.*⁸

que trata da condição do famoso
e valente fidalgo dom quixote
de la mancha e de como a exercita

Numa aldeia da Mancha, de cujo nome não quero me lembrar, não faz muito tempo vivia um fidalgo desses de lança no cabide, adarga antiga, pangaré magro e galgo corredor. Um cozido com mais carne de vaca que de carneiro, salpicão na maioria das noites, ovos fritos com torresmo aos sábados, lentilhas às sextas, algum pombinho de quebra aos domingos, consumiam três partes de sua renda. O resto dela gastava com um saio de lã cardada, calções de veludo para as festas e chinelos do mesmo tecido, e nos dias de semana se honrava com a melhor das burelinas. Tinha em casa uma criada que passava dos quarenta, uma sobrinha que não chegava aos vinte e um rapaz pau para toda obra, que tanto encilhava o pangaré como empunhava o podão. Nosso fidalgo beirava os cinquenta anos. Era de compleição rija, seco de carnes, rosto enxuto, grande madrugador e amigo da caça. Dizem que tinha por sobrenome Queixada, ou Queijada, que nisso há desacordo entre os autores que escrevem sobre o caso, embora por conjecturas verossímeis se entenda que se chamava Quixana. Mas isso pouco importa para nossa história: basta que em sua narração não se saia um ponto da verdade.

Deve-se saber, então, que o aludido fidalgo, nos momentos em que estava ocioso — que constituíam a maior parte do ano —, deu para ler livros de cavalaria com tanta paixão e prazer que esqueceu quase por completo o exercício da caça, e até mesmo a administração de seus bens; e a tanto chegaram sua curiosidade e desatino que vendeu muitos pedaços de terra de plantio para comprar livros de cavalaria, levando assim para casa quantos havia deles; e, entre todos, nada lhe parecia melhor que os escritos pelo famoso Feliciano de Silva,¹ porque a clareza de sua prosa e aqueles raciocínios intrincados lhe pareciam pérolas, principalmente quando lia os galanteios e as cartas de desafios, onde em muitas partes achava escrito: “A razão da sem-razão que a minha razão se faz, de tal maneira debilita minha razão, que com razão me queixo de vossa formosura”. E também quando lia: “Os altos céus que de vossa divindade divinamente com as estrelas vos fortificam e vos fazem merecedora do merecimento que merece vossa grandeza”.

Com essas palavras o pobre cavaleiro perdia o juízo e desvelava-se por entendê-las e arrancar-lhes o sentido, que nem o próprio Aristóteles o conseguiria nem as entenderia, se ressuscitasse apenas para isso. Não ficava muito convencido com os ferimentos de dom Belianis, porque imaginava que, por grandes que fossem os cirurgiões que o tivessem curado, não deixaria de ter o rosto e o corpo cheios de marcas e cicatrizes. Mas louvava no autor o fato de concluir o livro com a promessa de acabar aquela interminável aventura, ainda que muitas vezes tivesse vontade de tomar da pena e ele mesmo lhe dar fim ao pé da letra, como ali se assegura; e sem dúvida alguma o faria, e até o publicaria, se pensamentos maiores e contínuos não o estorvassem. Muitas vezes teve discussões com o padre do lugar — que era homem

culto, formado em Sigüenza² — sobre quem tinha sido melhor cavaleiro: Palmeirim da Inglaterra ou Amadis de Gaula; mas mestre Nicolás, barbeiro do mesmo povoado, dizia que nenhum emparelhava com o Cavaleiro do Febo e que se algum podia ser comparado a ele era dom Galaor, irmão de Amadis de Gaula, porque tinha as melhores condições para tudo e não era cavaleiro melindroso nem tão choramingas como seu irmão, e que em matéria de valentia não ficava atrás dele.

Enfim, ele se embrenhou tanto na leitura que passava as noites lendo até clarear e os dias até escurecer; e assim, por dormir pouco e ler muito, secou-lhe o cérebro de maneira que veio a perder o juízo. Sua imaginação se encheu de tudo aquilo que lia nos livros, tanto de encantamentos como de duelos, batalhas, desafios, feridas, galanteios, amores, tempestades e disparates impossíveis; e se assentou de tal modo em sua mente que todo aquele amontoado de invenções fantasiosas parecia verdadeiro: para ele não havia outra história mais certa no mundo. Dizia que Cid Ruy Díaz tinha sido muito bom cavaleiro, mas que não se igualava ao Cavaleiro da Espada Ardente,³ que de um só golpe tinha partido ao meio dois gigantes ferozes e descomunais. Sentia-se melhor com Bernardo del Carpio porque em Roncesvalles matara Roland, o Encantado, valendo-se da artimanha de Hércules, quando sufocou Anteu, o filho da Terra, entre os braços, e falava muito bem do gigante Morgante porque, apesar de ser daquela linhagem gigantesca de soberbos e descomedidos, era afável e bem-educado. Mas, acima de todos, admirava Reinaldos de Montalbán, principalmente quando o via sair de seu castelo e roubar todos com quem topava e quando, além-mar, carregou aquele ídolo de Maomé que era todo de ouro, conforme conta sua história. Para dar uns bons pontapés no traidor Ganelon, daria a criada que tinha e até sua sobrinha de quebra.

Enfim, acabado seu juízo, foi dar no mais estranho pensamento em que jamais caiu louco algum: pareceu-lhe conveniente e necessário, tanto para o engrandecimento de sua honra como para o proveito de sua pátria, se fazer cavaleiro andante e ir pelo mundo com suas armas e cavalo em busca de aventuras e para se exercitar em tudo aquilo que havia lido que os cavaleiros andantes se exercitavam, desfazendo todo tipo de afrontas e se pondo em situações e perigos pelos quais, superando-os, ganhasse nome eterno e fama. O pobre já se imaginava coroadado pelo valor de seu braço com pelo menos o império de Trebizonda; e assim, com pensamentos tão agradáveis, levado pelo singular prazer que neles sentia, se apressou em realizar o que desejava.

E a primeira coisa que fez foi limpar uma armadura que tinha sido de seus bisavós, que, tomada de ferrugem e cheia de mofo, havia longos séculos estava atirada e esquecida num canto. Limpou-a e ajeitou-a o melhor que pôde, mas viu que havia um grande problema: não tinha elmo com viseira e sim morrião simples. Mas isso seu engenho supriu, porque fez com uma massa de papelão e cola uma espécie de meia viseira que, encaixada com o morrião, dava a ilusão de elmo completo. Para provar que era forte e podia correr o risco de uma cutilada, sacou a espada e lhe deu dois golpes, desfazendo num instante o trabalho de uma semana. A facilidade disso

não deixou de lhe parecer má e, para se precaver contra esse perigo, tornou a fazer tudo de novo, pondo-lhe umas barras de ferro por dentro, de tal maneira que ficou satisfeito com sua fortaleza, mas, sem querer fazer nova experiência, tomou-o por finíssimo elmo com viseira.

Em seguida foi ver o pangaré e, embora tivesse os cascos mais rachados que os calcanhares de um camponês e mais defeitos que o cavalo de Gonela, que *tantum pellis et ossa fuit*,⁴ achou que nem o Bucéfalo de Alexandre nem o Babieca do Cid se igualavam a ele. Passou quatro dias imaginando que nome lhe daria, porque — conforme dizia a si mesmo — não havia motivo para que cavalo tão bom e de cavaleiro tão famoso ficasse sem nome; procurava então um que revelasse quem havia sido antes de ser de cavaleiro andante e o que era agora, pois achava muito razoável que, mudando seu senhor de estado, mudasse ele também de nome e o ganhasse célebre e aparatoso, como convinha à nova ordem e ao novo exercício que professava. Assim, depois de muitos nomes que criou, apagou e trocou, sobre pôs, desfez e tornou a fazer em sua memória e imaginação, finalmente veio a chamá-lo “Rocinante”, nome, em sua opinião, superior, sonoro e significativo do que tinha sido quando não passava de um rocim e o que era agora, o primeiro entre todos os rocins do mundo.

Batizado o cavalo com tanto acerto, quis dar um nome a si mesmo, e nesse pensamento gastou mais oito dias. No fim veio a se chamar “dom Quixote”, de onde, como foi dito, os autores desta história verídica puderam concluir que, sem dúvida, devia se chamar Queixada e não Queijada, como outros disseram. Mas, lembrando-se de que o corajoso Amadis não havia se contentado em se chamar apenas Amadis e acrescentara o nome de seu reino e pátria, para fazê-la famosa, chamando-se então Amadis de Gaula, quis assim, como bom cavaleiro, acrescentar ao seu o nome de sua pátria e se chamar “dom Quixote de la Mancha”, com o que, em sua opinião, declarava de forma viva sua linhagem e pátria, e a honrava ao tomar dela o sobrenome.

Assim, com a armadura limpa, o morrião feito elmo com viseira, batizado o pangaré e crismado a si mesmo, deu-se conta de que só faltava achar uma dama por quem se apaixonar: porque o cavaleiro andante sem amores era árvore sem folhas e sem fruto e corpo sem alma. Dizia a si mesmo:

— Se eu, por mal de meus pecados, ou por minha boa sorte, me encontro por aí com algum gigante, como acontece sempre com os cavaleiros andantes, e o derrubo com um golpe ou lhe parto o corpo pela metade ou, enfim, o venço e o rendo, não será bom ter a quem mandá-lo de presente? Que vá e se prostre de joelhos diante de minha doce senhora e diga com voz humilde e submissa: “Eu, senhora, sou o gigante Caradeculiambro, senhor da ilha Malvadrânia, a quem venceu em singular batalha o jamais louvado como se deve cavaleiro dom Quixote de la Mancha, que mandou que me apresentasse a vossa mercê, para que vossa grandeza disponha de mim como bem quiser”.

Oh, como se alegrou nosso bom cavaleiro quando fez esse discurso, principalmente

quando atinou a quem chamar sua dama! É que havia numa aldeia perto da sua, pelo que se pensa, uma camponesa de muito boa aparência por quem ele andou apaixonado um tempo, embora se acredite que ela jamais tenha sabido disso nem o tenha deixado provar de sua formosura. Chamava-se Aldonza Lorenzo, e ele achou bom lhe dar o título de senhora de seus pensamentos; e, procurando um nome que não destoasse muito do seu e insinuasse ou parecesse nome de princesa e grande senhora, veio a chamá-la “Dulcineia del Toboso”, porque era natural de El Toboso: nome, em sua opinião, musical e raro e significativo, como todos os demais que ele tinha posto em si e em suas coisas.

a O *Quixote* foi publicado em dois volumes: o primeiro, de 1605, com o título *O engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha*, foi subdividido em quatro partes (capítulos i-viii, ix-xiv, xv-xxvii e xxviii-lii). O segundo volume, intitulado *Segunda parte do engenhoso cavaleiro dom Quixote de la Mancha*, foi publicado em 1615, sem subdivisões. (n. e.)

fiz por vossa liberdade.

Um dos escudeiros que acompanhavam o coche, um basco, escutava tudo o que dom Quixote dizia. Vendo que ele não queria deixar passar o coche e dizia que deviam voltar a El Toboso, avançou para dom Quixote e, agarrando-lhe a lança, lhe disse, em mau castelhano e pior basco:

— Anda, cavaleiro que mal andes! Pelo Deus que me criou que, se não deixa coche, assim te matas como basco sou.

Mas dom Quixote entendeu-o muito bem e respondeu com toda calma:

— Se fosses cavaleiro, como não és, eu já teria castigado tua loucura e atrevimento, reles criatura.

Ao que o basco replicou:

— Eu não cavaleiro? Por Deus juro, tanto mentes como cristão. Se lança atiras e espada sacas, a porca verás o rabo como torce logo! Basco por terra, fidalgo por mar, fidalgo com os diabos: mentes que olha se outra dizes coisa.

— Agora o vereis, como disse Agraies³ — respondeu dom Quixote.

E, atirando a lança no chão, sacou a espada, prendeu o braço na rodela e investiu contra o basco com a intenção de lhe tirar a vida. O basco, que gostaria de apeiar da mula porque era de aluguel e não dava para se fiar nela, não pôde fazer outra coisa que sacar a espada; por sorte se achava perto do coche, de onde conseguiu pegar uma almofada, que lhe serviu de escudo. Assim avançaram um para o outro, como se fossem dois inimigos mortais. Os outros tentaram apaziguá-los, mas não puderam, porque o basco dizia com suas palavras enroladas que, se não o deixassem acabar a batalha, ele mesmo havia de matar sua patroa e todas as pessoas que o estorvassem. A senhora do coche, surpresa e amedrontada com o que via, fez o cocheiro se afastar um pouco dali e de longe ficou olhando a dura contenda. No desenrolar dela, o basco deu uma grande espadada num ombro de dom Quixote, por cima da rodela — se o pegasse sem defesa, iria abri-lo até a cintura. Dom Quixote, que sentiu o peso daquele tremendo golpe, deu um grande brado:

— Oh, Dulcineia, senhora de minha alma, flor da formosura, socorrei este vosso cavaleiro que, para agradar a vossa grande bondade, nesta rigorosa situação se acha!

Dizer isso, firmar a espada, proteger-se bem com a rodela e investir contra o basco foi uma coisa só, decidido a arriscar tudo num golpe certo.

O basco, vendo-o vir, percebeu muito bem pela intrepidez sua coragem e resolveu fazer o mesmo: aguardou dom Quixote protegido com a almofada, sem poder virar a mula para lado nenhum, pois, além de não ser feita para essas brincadeiras, já estava morta de cansaço e não podia dar um passo.

Então, como se disse, dom Quixote vinha contra o basco cauteloso, com a espada no alto, pronto para abri-lo ao meio, e o basco o aguardava também com a espada em riste e protegido por sua almofada. Todos os presentes estavam amedrontados e suspensos do que havia de acontecer com a ameaça de tamanhos golpes; e a senhora do coche e suas criadas estavam fazendo mil juras e promessas a todas as imagens e casas de devoção da Espanha para que Deus livrasse seu escudeiro e elas do grande

perigo em que se encontravam.

Mas o problema disso tudo é que justo neste ponto o autor desta história deixa pendente esta batalha, desculpando-se porque não achou mais nada escrito sobre estas façanhas de dom Quixote, além das que já foram relatadas aqui. É bem verdade que o segundo autor desta obra não quis acreditar que história tão estranha estivesse entregue às leis do esquecimento, nem que os cronistas da Mancha houvessem sido tão pouco cuidadosos que não tivessem em seus arquivos ou em suas escrivaninhas alguns papéis que tratassem do famoso cavaleiro. Assim pensando, não se desesperou de achar o fim desta aventura prazerosa — sendo-lhe o céu favorável, encontrou-a do modo que se contará a seguir.

segunda parte

ix

onde se conclui a estupenda batalha
que o galhardo basco
e o valente manchego travaram

Deixamos na primeira parte desta história o valente basco e o famoso dom Quixote com as espadas nuas ao alto, prontos para descarregar dois tremendos fendentes que, caso se acertassem em cheio, no mínimo se dividiriam de alto a baixo e se abririam como romãs. E justo nesse ponto tão incerto parou truncada história tão saborosa, sem que seu autor nos desse notícia de onde poderia se achar o que dela faltava.

Isso me deixou muito aborrecido, porque o gosto de ler esse pouco se tornava desgosto ao pensar no mau caminho que se apresentava para encontrar o muito que em minha opinião faltava de história tão deliciosa. Pareceu-me coisa impossível e fora de todo bom costume que houvesse faltado a esse excelente cavaleiro algum mago que se encarregasse de escrever suas façanhas nunca vistas, coisa que não faltou a nenhum dos cavaleiros andantes,

*Dos que dizem as gentes
que vão às suas aventuras,¹*

porque cada um deles tinha, como que sob medida, um ou dois magos que não apenas escreviam sobre seus feitos como pintavam seus menores pensamentos e seus atos mais insignificantes, por mais ocultos que fossem; e cavaleiro tão bom não poderia ser tão infeliz que não tivesse o que sobrou a Platir e a outros semelhantes. Assim, não conseguia acreditar que história tão bela houvesse ficado manca e estropiada, e botava a culpa na malignidade do tempo, devorador e consumidor de todas as coisas, que, ou a tinha oculta, ou consumida.

Mas, como haviam achado entre seus livros alguns tão modernos como *Desengaño de celos* e *Ninfas y pastores de Henares*, me parecia que sua história também devia ser recente e que, se não estivesse escrita, estaria na memória das pessoas de sua aldeia e das aldeias vizinhas. Essas ideias me deixavam confuso e desejoso de conhecer real e verdadeiramente toda a vida e os milagres de nosso famoso espanhol dom Quixote de la Mancha, luz e espelho da cavalaria manchega, e o primeiro que em nossa época, nesses tempos calamitosos, encarou o trabalho e o exercício das armas andantes: reparar afrontas, socorrer viúvas e amparar donzelas, daquelas que andavam com seus chicotes e palafréns, com toda a virgindade às costas, de montanha em montanha e de vale em vale, porque antigamente existiu donzela que, se não fosse forçada por algum velhaco ou algum camponês bronco ou algum gigante descomunal, ao cabo de oitenta anos, sem dormir um único dia embaixo de telhado, se foi tão inteira para a sepultura como a mãe que a tinha parido. Digo, então, que por essas e muitas outras coisas, nosso garboso Quixote é digno de louvores contínuos e memoráveis, e até a mim não devem ser negados, pelo trabalho e diligência que empenhei na busca do fim de história tão agradável, embora saiba muito bem que se o céu, o acaso ou a sorte não me ajudassem, ao mundo faltaria o passatempo e o prazer que bem poderá ter por quase duas horas quem a ler com

atenção. Enfim, achei-a desta maneira:

Estando eu um dia na Alcaná de Toledo, chegou um rapaz vendendo uns cadernos e papéis velhos a um trapeiro,² e, como gosto de ler até os papéis rasgados das ruas, fui levado por essa inclinação natural a pegar um daqueles cadernos que o rapaz vendia e vi que era escrito em caracteres árabes. Embora eu os reconhecesse mas não soubesse lê-los, fiquei à espera para ver se aparecia por ali algum mourisco aljamiado,³ e não foi difícil encontrar um intérprete, pois o acharia facilmente mesmo que procurasse de outra língua melhor e mais antiga. Enfim, a sorte me apresentou um a quem falei de meu desejo, pondo-lhe o livro nas mãos; ele o abriu ao meio, leu um pouco e começou a rir.

Perguntei-lhe do que se ria, e me respondeu que de uma anotação escrita na margem. Pedi que a lesse para mim e ele, sem deixar de rir, disse:

— Como falei, está escrito aqui na margem: “Dizem que esta Dulcineia del Toboso, tantas vezes mencionada nesta história, teve a melhor mão para salgar porcos em toda a Mancha”.

Quando ouvi dizer “Dulcineia del Toboso”, fiquei pasmo e maravilhado, porque logo imaginei que aqueles cadernos continham a história de dom Quixote. Apressei-o então para que lesse o começo e, assim fazendo, traduziu de improviso do árabe para o castelhano: *História de dom Quixote de la Mancha, escrita por Cide Hamete Benengeli, historiador árabe*. Foi necessário muito tato para dissimular a alegria que senti quando chegou a meus ouvidos o título do livro; e, antecipando-me ao trapeiro, comprei do rapaz todos os papéis e cadernos por meio real; se ele tivesse perspicácia e soubesse como eu os desejava, bem poderia pedir e levar mais de seis reais na compra. Afastei-me em seguida com o mourisco pelo claustro da igreja matriz e pedi a ele que traduzisse para o castelhano todos os cadernos que tratavam de dom Quixote, sem lhes omitir nem acrescentar nada, oferecendo-lhe o pagamento que quisesse. Contentou-se com duas arrobas de passas e uns cem quilos de trigo, e prometeu traduzi-los fiel e rapidamente. Mas eu, para facilitar mais o negócio e para não arriscar achado tão bom, trouxe-o para minha casa, onde em pouco mais de mês e meio traduziu tudo exatamente como aqui se refere.

No primeiro caderno estava pintada com todo o realismo a batalha de dom Quixote com o basco, na mesma postura que a história conta, as espadas no alto, um protegido pela rodela, o outro pela almofada, e a mula do basco tão vividamente que a tiro de balestra se via que era de aluguel. O basco tinha escrito aos pés a legenda: “Dom Sancho de Azpeitia”, que, sem dúvida, devia ser seu nome, e aos pés de Rocinante estava outra que dizia: “Dom Quixote”. Rocinante estava pintado maravilhosamente, tintim por tintim, tão fraco e magro, puro espinhaço, tísico confirmado, que mostrava muito bem com que tino e propriedade fora chamado de Rocinante. Perto dele estava Sancho Pança, que segurava seu burro pelo cabresto, tendo aos pés outro rótulo: “Sancho Sanco”. Por isso, pelo que mostrava a pintura — a barriga grande, o tronco curto, as pernas finas e compridas —, deve ter sido chamado de Pança ou de Sanco, que por esses dois sobrenomes é chamado algumas

vezes na história. Poderiam se notar outras miudezas, mas são todas de pouca importância, e não vêm ao caso para o relato da história, que nenhuma é má se for verdadeira.

Se aqui se pode fazer alguma objeção sobre sua veracidade, não poderá ser outra além de ter sido seu autor árabe, já que é muito próprio dos daquela nação serem mentirosos; se bem que, por serem tão nossos inimigos, dá para entender que ele tenha antes se omitido nela do que exagerado. É o que penso, pois, quando poderia e deveria deixar correr a pena nos louvores a tão bom cavaleiro, parece que de propósito os passa em silêncio: coisa malfeita e pior pensada, havendo e devendo ser os historiadores minuciosos, verdadeiros e nada apaixonados, sem que o interesse ou o medo, o rancor ou a afeição façam-nos desviar do caminho da verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro. Nesta sei que se achará tudo o que por acaso se deseje na mais agradável das histórias; e, se algo bom faltar nela, penso que foi por culpa do cachorro do autor, não por falta de assunto. Enfim, sua segunda parte, seguindo a tradução, começava desta maneira:

Com as espadas cortantes levantadas bem alto os dois valorosos e irados combatentes não apenas pareciam como estavam ameaçando o céu, a terra e o mar, tal a intrepidez e a aparência que tinham. O primeiro a descarregar o golpe foi o basco colérico, e o deu com tanta força e tanta fúria que, se a espada não se desviasse no caminho, somente com aquele poderia dar fim a sua dura contenda e a todas as aventuras de nosso cavaleiro. Mas a boa sorte, que para maiores coisas o tinha guardado, torceu a espada de seu adversário, de modo que, embora o acertasse no ombro esquerdo, não lhe causou outro dano que arrancar pedaços da armadura, levando de passagem grande parte do elmo, com a metade da orelha. Isso tudo veio ao chão, num estrago espantoso, deixando-o em péssimo estado.

Valha-me Deus, quem poderá contar com a destreza necessária a raiva que possuiu o coração de nosso manchego, vendo-se tratar daquele jeito?! Basta dizer que pela primeira vez se aprumou nos estribos e, apertando mais a espada com as duas mãos, com tal fúria descarregou-a sobre o basco, acertando-o em cheio na almofada e na cabeça, que — não sendo a almofada uma boa defesa — foi como se caísse uma montanha sobre ele: começou a botar sangue pelas ventas, pela boca e pelos ouvidos, dando mostras de que ia cair da mula, de onde cairia sem dúvida se não se abraçasse ao pescoço dela. Apesar disso, perdeu os pés dos estribos e depois afrouxou os braços, e a mula, espantada com o golpe tenebroso, desatou a correr pelo campo e deu com seu dono por terra em poucos pinotes.

Dom Quixote ficou olhando com muita calma, mas, ao vê-lo cair, saltou do cavalo e alcançou-o rapidamente e, pondo-lhe a ponta da espada entre os olhos, disse que se rendesse ou lhe cortaria a cabeça. O basco estava tão aturdido que não podia responder uma palavra e teria passado mal, tão cego estava dom Quixote, se as senhoras do coche, que até aí haviam olhado com grande desalento a contenda, não acorressem, pedindo-lhe encarecidamente que lhes fizesse a grande gentileza e favor

de perdoar a vida do escudeiro. Dom Quixote respondeu com muita altivez e gravidade:

— Decerto, formosas senhoras, fico muito feliz de fazer o que me pedis; mas há de ser com uma condição e acordo: este cavaleiro deve me prometer ir à aldeia de El Toboso e se apresentar de minha parte à sem-par dona Dulcineia, para que ela faça dele o que tiver vontade.

As amedrontadas e desconsoladas senhoras, sem se dar conta do que dom Quixote pedia e sem perguntar quem era Dulcineia, prometeram-lhe que o escudeiro faria tudo o que lhe fosse mandado.

— Então, fiado na palavra das senhoras, não o machucarei mais, ainda que bem o merecesse.